

Considerações preliminares
a respeito do "Retrato do artista" de

Manet

PEDRO DE ANDRADE ALVIM

A evolução dos retratos na obra de Manet passa dos tipos pitorescos e fantasiados (na tradição de uma pintura de gênero, ou da pintura realista de um Velásquez) , como os espanhóis e mendigos-filósofos dos anos de 1860, para uma série de personagens modernos, que o " Bon Bock " anunciou em 73 com imenso sucesso. " O Artista " foi pintado em 1875, ano seguinte ao da incursão impressionista de Manet, tendo sido recusado no Salão de 76 junto com "Le Linge ", que representa uma cena ambientada ao ar livre, com a marca da experiência impressionista. Outros retratos desse mesmo ano são " La Parisienne ", o " Retrato do ' Abbé ' Hurel ", e " Faure no Papel de Hamlet " (terminado em 1877). Existem muitos outros retratos que podem ser comparados ao de M. Desboutin, de modo a se ter uma idéia mais exata de sua posição na obra de Manet; além dos já citados, podemos listar " L' Acteur Tragique " (1865), " Philosophe " (65-66), "Retrato de T. Duret " (1868), " Autoportrait à la Calotte " e " Autop. à la Palette " (1879), " Portrait de Clemenceau " (80), e " Portrait de A. Proust " (1880).

Poderia-se distinguir os retratos cujos modelos pertenciam ao círculo íntimo do pintor, daqueles que incluíam a idéia da condição social específica representada pelo modelo, se enquadrando de forma mais imediata no projeto irrealizado de Manet, de produzir, à Zola, um grande painel da vida parisiense.

Os retratos de Manet costumam respeitar a alteridade do modelo, a privacidade de suas emoções, que são contidas dentro dos limites de um cotidiano a que se faz alusão, de algum modo, na pintura. O aspecto emocional do retrato se reduz a uma espécie de " vício profissional " no tratamento gestual ou na quebra das harmonias convencionais da cor pelo artista. Os modelos permanecem serenos e fiéis a sí mesmos, o equilíbrio do resultado final não é influenciado pelo nervosismo que deixa marcas em algumas pinceladas mais aparentes, súbitas mudanças do tratamento ou arrependimentos mal-apagados.

" O Artista " é pintado numa gama cromática restrita, que se alia à pouca quantidade de elementos discretos e determinados, que compõem o quadro. As roupas do personagem são tratadas como uma única mancha negra e lustrosa, que caminha dos sapatos ao chapéu, de que se sobressai o lenço branco usado como gravata. Suas mãos calosas são apanhadas numa atividade que denuncia a destreza e o automatismo profissional do gravador, e o rosto sanguíneo recebe uma iluminação dramática.

O cachorro, elemento anedótico do quadro (ou falsamente anedótico), que desvia um pouco do peso excessivo do personagem, recebe um tratamento rembrandtiano, visto sob uma luz espectral, em que a profusão de pinceladas inquietas se comunica com o tratamento revolvido do fundo.

Há uma característica falta de homogeneidade no tratamento da matéria pictórica . No lado oposto ao do cão, o fundo tem uma superfície mais lisa, e o amarelo forte do chão, que se funde à tonalidade marrom dominante, impõe o universo colorístico próprio de Manet, distanciando o quadro do claro - escuro e da materialidade da pintura de um Hals ou de um Rembrandt. Existe, entretanto, uma pintura de Frans Hals que, coincidentemente ou não pode servir como referência externa para o " Retrato de M. Desboutin ", o " Tocador de Rommelpott ", de que foi feita uma cópia por Lebrun, e, a partir dela, uma gravura de F. Hubert, cuja inversão da posição do personagem principal no espaço a aproxima do quadro de Manet. As varetas do instrumento são análogas ao cachimbo que Desboutin está ocupado em encher de tabaco, e também a vestimenta e a posição dos chapéus, para não falar de uma certa semelhança fisionômica. A hipótese remota de uma inspiração direta no quadro de Hals teria chance de ser confirmada, caso se verifique a inclusão da gravura de Hubert entre as estampas da " Histoire des Peintres " de Charles Blanc, utilizada frequentemente por Manet numa época anterior, como referência para suas composições.

A figura um pouco andrajosa do artista tem certamente em seu aspecto geral alguma coisa do " Esopo " de Velásquez, que deve ter marcado Manet em sua visita ao Prado. Embora não tenha a monumentalidade que Velásquez conferia a seus tipos, " O Artista " evoca o " Esopo " por uma espécie de afinidade, de emulação da força de seu caráter.¹

"O Artista" pode talvez ser interrogado no sentido de sua relação com o público enquanto pintura que reflete a condição social do artista Desboutin, expressa na atitude em que ele é retratado. O personagem não olha diretamente para quem o vê mas para além da posição do expectador, numa atitude independente que dá continuidade à dos autoretratos de Courbet. O artista de Manet é mais inacessível ao público que o de Courbet, porque este não é mais convidado a aprovar ou reprová-lo Desboutin com a mesma familiaridade que os espíritos liberais ou radicais poderiam ter com relação a Courbet, mas sim a uma admiração, simpatia ou respeito condizentes com a reserva do personagem.

A pintura de 1865 que retrata " O Ator Trágico " aborda também o tema da relação entre artista e sociedade, precedendo portanto " O Artista " nesse sentido. A figura do artista é tratada por Manet naquela época anterior como a de um ser isolado, numa posição de confronto com o resto da sociedade. O personagem de 75 é bem diferente e a expressão do individualismo passa a conviver com o caráter prosaico e pitoresco do homem "mais extraordinário de seu quarteirão", não de sua época (não podendo o pintor dispor de Vitor Hugo, conforme a intenção inicial). Alguns anos depois , em 1878, " Faure no Papel de Hamlet ", foi recusado pelo modelo, possivelmente por não ter o peso da figura trágica do ator Rouvière. Mesmo em " O Ator Trágico ", já se podia sentir a diferença entre a posição de Manet e aquela expressa pelo olhar atormentado de Rouvière, com quem, afinal, ele queria se solidarizar (vitimado por uma doença fatal, o ator encerrava uma carreira incompreendida pelo grande público). No retrato de Desboutin, não há mais do que um resquício desse *páthos* extremado; o personagem se mantém no nível de alguém com quem o pintor dialoga (embora não exatamente no mesmo nível, o que se pode compreender comparando " O Artista " com o " Retrato de Mallarmé " ou o " Autoretrato com Paleta "), alguém mais próximo do também gravador Bellot, que havia posado para " Le Bon Bock ".

Existe uma aquarela de Manet do mesmo ano, anterior a " O Artista ", representando também Desboutin. Numa atitude diferente da pintura, ele fuma seu cachimbo e olha com interesse para o expectador. O modelo d' " O Artista " também foi usado por Degas em pelo

¹ A aproximação entre as pinturas de Velásquez, " Esopo " e " Menippo ", e os retratos de " mendigos - filósofos ", pintados por Manet em 1865, depois de sua visita ao Prado, é feita no Catálogo da Exposição - Manet 1983 (org. Françoise Cachin), p. 234. " O Retrato do Artista " confirma, dez anos depois, a influência de Velásquez, apontada na época pelo crítico Armand Silvestre.

menos duas telas, entre as quais " L ' Absinthe " de 76, junto de Ellen Andrée, formando um par de personagens boêmios no opressivo ambiente de um café vazio. Em 1875, Manet utilizara a mesma Andrée como modelo para " La Parisienne ", que deveria ter sido enviado ao salão no lugar de "O Artista ". Três anos depois, Manet pinta "La Prune", em que uma jovem apoia o braço numa mesa de café, cuja atmosfera é bastante evocativa do de Degas.

Pedro de Andrade Alvim, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

Ilustrações

Fig. 01 - Édouard MANET - *Retrato de Gilbert-Marcellin Desboutin*, 193 X 130 cm, 1875, Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.

Fig. 02 - Diego VELÁZQUEZ - *Esopo*, 179 X 94 cm, 1639-40, Prado, Madrid.

Fig. 03 - Franz HALS - *O tocador de 'Rommelpot'*, 106 X 80,5 cm, 1623-25, Kimbell Art Museum, Fort Worth.

Fig. 04 - François HUBERT - *O tocador de 'Rommelpot'* (cópia feita em gravura a partir da reprodução de Lebrun).



1



2



3



Leur du Cabinet de M. le Brun

4